

## Fim da História? Nem pensar, "a coisa ainda mal começou"

O último passo antes do fim da história. Este é o título de um texto que recebi recentemente do Brasil. Neste escrito o autor considera que a nossa linha editorial se encontra desactualizada. Nós não percebemos que para a História chegar ao fim falta apenas um pequeno passo. E esse passo centra-se na privatização dos diferentes órgãos do Estado. Privatizada que está toda a economia e os diferentes sistemas que enformam o Estado, o que actualmente impede um maior desenvolvimento das sociedades, segundo o nosso leitor on-line, é o facto dos governos se terem transformado em estruturas freadoras da produtividade e do desenvolvimento a nível mundial. Na opinião deste nosso leitor é de todo necessário privatizar os governos, em particular privatizar os parlamentos pois não tem dúvida de que se os diferentes órgãos que constituem o Estado fossem privatizados, e entregues ao controle dos que de facto fazem andar o mundo, seriam muito mais eficientes e responderiam melhor às necessidades dos povos. A privatização e a sujeição de "tudo" à lógica de mercado é o último passo a dar para que se possa então falar de fim da História. Persistir, como fazemos no nosso jornal, em falar de vida e de espaço público é, diz o leitor, induzir as pessoas em erro e acrescenta "é contribuir para atrasar um novo ciclo histórico, o fim da História". Se estas ideias não andassem por aí ficar-me-ia pela leitura mas este texto fez-me lembrar ideias velhas que talvez permitam encarar situações novas. São algumas destas ideias que aqui ficam este mês de forma linear.

1. A prática de vida quotidiana dos membros que constituíam uma tribo reproduzia e perpetuava essa tribo. Uma reprodução não apenas física, no sentido de produzir a sua própria descendência, mas também social. Através de tudo o que faziam esses homens, mulheres e crianças não reproduziam apenas a espécie, mas reproduziam uma forma social específica, isto é, um grupo de seres humanos capazes de realizar de forma característica actividades específicas. Esta especificidade não era o resultado de características próprias da sua natureza de homens, mulheres e crianças, como, por exemplo, é da natureza dos pássaros fazer o ninho, por os ovos, chocá-los, alimentar as crias até que estas se tornem autónomas e se lancem livremente no espaço. No seu dia a dia, os membros da tribo praticavam e perpetuavam uma resposta social específica a condições materiais e históricas particulares. Para os que viveram esses tempos podia parecer que a História terminava ali. Mas não foi o fim da História.

2. A vida prática dos escravos reproduzia a escravatura. Com o seu modo concreto de viver o quotidiano, os escravos não só permitiam a sobrevivência material dos seus senhores como se reproduziam a si mesmos fisicamente, assim produzindo novos escravos. Com a sua vida quotidiana os escravos também reproduziam os instrumentos com que os senhores os dominavam e reprimiam, bem como as suas ideias e hábitos de submissão aos senhores. Nas sociedades escravagistas a relação senhor-escravo a todos parecia ser natural e eterna. Sabemos no entanto que nenhum homem ou mulher nasceu senhor ou escravo. Sabemos que a escravatura foi uma forma social bem definida à qual os seres humanos se submeteram em condições materiais e históricas bem determinadas. Para os que viveram esses tempos podia parecer que a História terminava ali. Mas não foi o fim da História.

3. A actividade viva e quotidiana dos trabalhadores assalariados reproduz o trabalho assalariado e o capital. Tal como aconteceu com as mulheres e os homens da tribo e com as escravas e escravos da sociedade escravagista, as mulheres e os homens que vendem o seu tempo e a sua capacidade de trabalhar por um salário reproduzem a população, as relações sociais e o modo de pensar desta sociedade. Numa palavra, reproduzem as formas sociais da sua vida quotidiana. O sistema capitalista ? tal como aconteceu no sistema tribal e escravagista ? é uma respostas determinada a condições materiais e históricas particulares. Para alguns que vivem e adoram este tempo pode parecer que finalmente a História termina aqui. Mas o edifício que a humanidade constrói não tem sequer ainda os alicerces acabados.

4. Duas das grandes diferenças entre a sociedade capitalista (seja na versão do capitalismo privado seja na versão do capitalismo de estado) e as formas historicamente anteriores da actividade social, são a velocidade e a acumulação, já não só de capital, mas também de informação e conhecimento. Cada vez mais, a actividade prática nas sociedades capitalistas transforma as condições materiais às quais, no início, o capitalismo deu resposta. Já não basta perceber como os assalariados, na sua actividade quotidiana, reproduzem as condições da sua própria exploração, mas entender como essa actividade elimina as condições materiais a que inicialmente o capitalismo dava resposta. Importa procurar entender o modo como na vida quotidiana se produzem as condições materiais e as ideias que fazem com que o capitalismo seja progressivamente mais incapaz de responder às necessidades humanas a que originalmente respondeu. "O fim das ideologias". "A semelhança das propostas políticas das

diferentes organizações partidária". São o prenúncio da falência de um sistema e não a sua maturidade como nos revela a aparência ? a aparência é o contrário da realidade. Quem vive hoje não assiste seguramente ao fim da História. Pode é, sem se dar conta, estar a viver e a construir, com a sua actividade viva, o início do fim de um sistema.

**5.** Muitos, não percebendo a falência do sistema em que teimam em viver, clamam e reclamam por reformas. O certo é que umas, quando se fazem, agudizam os problemas que queriam resolver. Outras, quando se estudam, desactualizam-se antes dos estudos estarem concluídos. Algumas, quando experimentadas, entram em ruínas antes de serem avaliadas. Alguns políticos, avisadamente, navegam à vista, ou não governam porque sabem que ? no ponto e que a coisa está ? essa é, de momento, a melhor maneira de os donos do mundo se irem governando.

**6.** Quer-me parecer que para o interesse da maioria o que importa não é a reforma do Estado mas a sua reinvenção. À saúde, ao sistema fiscal, à segurança social, ao ensino, ao sistema judiciário e a todos os outros sistemas que configuram o Estado não fazem falta reformas, é preciso reinventá-los. E depressa antes que os donos do mundo se decidam pela privatização do Estado e do seu governo. Um Estado que já não será dos cidadãos, mas dos accionistas. Um Estado absorvido pela lógica de mercado.

**7.** Os entusiastas da privatização da saúde, da educação e da segurança social, estão em pleno florescimento. Nalguns países a privatização do sistema prisional está em pleno desenvolvimento. São já muitos a "demonstrar", por a+b, como o sistema judiciário poderá ter melhor eficácia se privatizado. As empresas de segurança vão querendo mostrar que a segurança privada é melhor que a polícia. As empresas especializadas na organização de exércitos privados estão em alta. Presumo que um Parlamento nomeado pelos acionistas do Estado privado será mais eficaz do que aquilo que temos...

**8.** Mudar? Revolucionar? Para quê? Não será melhor deixar andar? (...) Não será melhor deixar que os donos do mundo se encarreguem de construir, segundo os interesses do mercado, o "melhor Estado"? Não um Estado de cidadãos ? ineficaz e fora de moda ? mas um Estado de grandes, médios e pequenos acionistas, servidos, "naturalmente", pela grande multidão de escravos capazes de reproduzir a resposta adequada a este novo tempo histórico.

Fim da História? Nem pensar, a coisa ainda mal começou.

**José Paulo Serralheiro**